

O EMPREGO ARGUMENTATIVO DO JÁ E DO AGORA COMO CONECTORES DE CONTRAJUNÇÃO EM REPORTAGENS JORNALÍSTICAS

Kátia Maria Capucci FABRI

Faculdades Associadas de Uberaba e Universidade Federal de Uberlândia
katia@fazu.br

Resumo: Este estudo, cujo tema é o emprego dos itens lexicais **agora** e **já** como conectores de contração em reportagens jornalísticas, tem como objetivo investigar o uso argumentativo desses conectores, observando os seus valores e condições de uso. Para desenvolvê-lo, é levantada a hipótese de que as orientações argumentativas estabelecidas pelo locutor podem depender dos conectores empregados e conseqüentemente de suas intenções. O material de análise foi retirado de 5 reportagens do Jornal Folha de São Paulo de 2010. A reportagem é vista como um gênero jornalístico que traz informações mais detalhadas que a notícia, interpretando os fatos; é assinada quando tem informação exclusiva ou se destaca pelo estilo ou pela análise (Manual da Redação, Folha de São Paulo, 2001). O gênero é caracterizado, segundo Travaglia (2007), por ter uma função sócio-comunicativa específica. A base teórica da pesquisa está ancorada na Linguística Textual na Semântica Argumentativa e nos estudos sobre gramaticalização. De acordo com essa fundamentação o emprego argumentativo dos enunciados não se deduz de inferências, mas se firma nas estruturas linguísticas manifestadas nos enunciados. Observa-se, assim, que o **já** e o **agora** podem ser empregados como conectores argumentativos de contração, muitas vezes com a mesma função de adversidade do ‘mas’.

Palavras-chave: Conectores de contração; gênero textual; reportagens; argumentação.

1. Introdução

Este estudo tem como propósito básico uma investigação a respeito do uso argumentativo dos conectores que marcam a oposição entre enunciados, **já**, **agora**, em reportagens jornalísticas. Além disso, ele pretende observar os valores de uso desses conectores e suas especificidades.

Para desenvolvê-lo, partimos das seguintes perguntas: Os conectores marcadores de oposição¹ têm empregos argumentativos diferentes no gênero reportagem? Quais os valores e condições de usos dos conectores que serão investigados? Os conectores, em estudo, desencadeiam orientações argumentativas diferentes? Como hipóteses, levantamos que as orientações argumentativas estabelecidas pelo locutor podem depender dos conectores empregados e conseqüentemente de suas intenções e que algumas palavras, classificadas pela gramática tradicional como advérbios, estão passando por um processo de gramaticalização.

Esta pesquisa se justifica, pois observamos que os trabalhos sobre conectores de contração estão mais centrados no conector **mas**, e poucos estudos têm dado relevância ao emprego do **já** e **agora** com esse emprego.

¹ Neste estudo, usaremos as palavras conectores de contração e operadores que marcam a oposição com o mesmo significado.

O material de análise foi retirado de 5 reportagens do Jornal Folha de São Paulo de 2010. Escolhemos esse jornal por ser um dos mais lidos no país e por usar a língua padrão. A reportagem é vista, neste estudo, como um gênero jornalístico que traz informações mais detalhadas que a notícia, interpretando os fatos; é assinada quando tem informação exclusiva (Manual da Redação, Folha de São Paulo, 2001), sendo o gênero caracterizado por ter uma função sócio-comunicativa específica (Travaglia, 2007).

Elencamos a seguir as reportagens utilizadas como material de análise e que formam o corpus deste estudo.

Reportagem 1: Folha de São Paulo Esporte D 2: “Atacante busca hoje 1º gol em Copa do Mundo”, dos enviados a Johannesburgo, 28 de junho de 2010.

Reportagem 2: Folha de São Paulo, Cotidiano, C 3: “Tradição x Inovação”, Matheus Magenta e Fábio Guibu, 8 de fevereiro de 2010.

Reportagem 3: Folha de São Paulo, Dinheiro, B 2: “Banco público vai puxar alta do crédito, diz BC”, Eduardo Cucolo, 25 de fevereiro de 2010.

Reportagem 4: Folha de São Paulo, Cotidiano, C 3: “Tradição x Inovação”, Matheus Magenta e Fábio Guibu, 8 de fevereiro de 2010.

Reportagem 5: Folha de São Paulo, Esporte, D 2: “Scolari deve ser mantido, mas futebol sofrerá cortes de gastos”, da reportagem local, 28 de setembro de 2010

Para a realização deste estudo, buscamos as contribuições dos estudos do texto e do discurso no que diz respeito ao funcionamento da língua em suas diferentes situações de interação verbal. Assim, contamos com a base teórica da Linguística Textual, da Semântica Argumentativa e dos estudos da gramaticalização.

Para esta pesquisa língua será concebida como processo de interação e nessa perspectiva a abordagem que será dada aos conectores de contrajunção não apontará apenas para a função gramatical dos operadores de oposição analisados, mas, sobretudo, serão observadas as suas funções semântico-argumentativas e discursivas.

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico.

A seguir apresentaremos a base teórica que norteará o nosso estudo.

2. Fundamentação teórica

Como nosso estudo está centrado na Linguística Textual, na Semântica Argumentativa e na gramaticalização, apresentaremos um panorama dessas teorias.

A Linguística Textual é um ramo da Linguística, que começa a se desenvolver, na Europa, na década de 60. Essa teoria, de acordo com Koch (2008, p. 11), toma como objeto particular de investigação não a palavra ou a frase de forma isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, já que o homem se comunica por meio de textos, e que muitos fenômenos linguísticos só podem ser explicados no interior deles. Assim, ela tem como objeto específico de investigação o texto e não mais a palavra ou a frase.

Para Fávero e Koch (1994, p. 14), a finalidade da Linguística Textual é refletir sobre os fenômenos linguísticos que não são explicáveis por meio de uma gramática do enunciado. Para as autoras há duas concepções importantes para a Linguística Textual: texto e discurso. Texto, em um sentido lato, “é toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser

humano (filme, poema, música, pintura) e no sentido estrito é qualquer passagem falada ou escrita, que forma um todo significativo.”

Já discurso é a atividade comunicativa de um falante, que engloba o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor em uma dada situação de comunicação.

Ainda para as definições de texto e discurso, apresentamos as de Travaglia ([2003]2007, p. 99). Para texto:

unidade linguística concreta (perceptível por um dos sentidos: para a língua, geralmente a audição ou a visão) que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão.

Para discurso, Travaglia ([2003]2007, p. 99) diz que é “a própria atividade comunicativa, a própria atividade produtora de sentidos, para a interação comunicativa regulada por uma exterioridade sócio-cultural-ideológica.”.

Dentre as tarefas da Linguística textual está o estudo dos tipos de texto. Para Travaglia ([2003] 2007), o tipo de texto é um tipelemento², caracterizado por instaurar um modo de interação. Esse modo de interação pode ocorrer na perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/acontecer/saber e quanto à inserção ou não destes no tempo e/ou espaço.

O um outro tipelemento é o gênero do texto, caracterizado por ter uma função sócio-comunicativa específica. Os gêneros representam um pré-acordo sobre como agir na sociedade, portanto são as categorias de texto que circulam na sociedade. O autor apresenta alguns exemplos como: romance, novela, conto, fábula, apólogo, parábola, mito, lenda, caso, biografia, piada, notícia, reportagem, correspondência, entre outros. Travaglia ([2003] 2007, p. 106) ainda apresenta a espécie, que é o terceiro tipelemento, caracterizando-a por aspectos formais de estrutura e da superfície linguística por aspectos de conteúdo. O quarto tipelemento é o subtipo (Travaglia, 2009, p. 2633, 2634), Para o subtipo, o autor apresenta traços que o identificam a partir: do ato de fala; da formação imaginária em termos de hierarquia; do beneficiado; do responsável pela realização da situação e do grau de polidez.

Diante do exposto, consideramos o material que será analisado, a reportagem, como um gênero textual. Esse gênero pertence a uma comunidade discursiva, que é a dos textos produzidos em jornais e revistas. Isso se justifica segundo Swales (1990, apud SILVA, 2007, p. 25), pois os indivíduos que pertencem a essa comunidade discursiva têm um propósito público em comum que é transmitir informações e, também, porque na linguagem jornalística há determinadas especificidades.

De acordo com o Manual da Redação, Folha de São Paulo (2001), a reportagem é vista, como um gênero jornalístico que traz informações mais detalhadas que a notícia, interpretando os fatos; é normalmente assinada quando tem informação exclusiva.

Outra teoria que dará suporte para a análise é a Semântica Argumentativa.

Desde a antiguidade, há considerações sobre a linguagem, feitas no interior da filosofia, e essas considerações são de caráter semântico. Também os gramáticos latinos, os gramáticos hindus e depois a gramática de Port-Royal tiveram preocupações acerca das questões da linguagem e seus sentidos. Entretanto, somente no século XIX que a Semântica constituiu-se como disciplina linguística.

Bréal (1883, apud GUIMARÃES, 1995, p. 13) usou inicialmente o termo semântica e, em seus estudos, apontou para dois pontos fundamentais: a) as questões de significação não podem ser tratadas pela via etimológica, mas pela consideração de seu emprego e b) é preciso

² - Tipelemento tal como proposto por Travaglia ([2003]/2007)

considerar a palavra nas suas relações com outras palavras, no conjunto do léxico, nas frases em que aparecem.

Consideramos necessário citar vertentes dessa teoria linguística. Segundo Orlandi (1981, p. 13), a Semântica Linguística, formal, é a teoria do funcionamento material da língua na sua relação com ela mesma, já a Semântica Discursiva, e nela há a Semântica Argumentativa, analisa cientificamente os processos de uma formação discursiva dando conta do laço que une esses processos às condições de produção do discurso.

Na Semântica Argumentativa a argumentação recebe um tratamento linguístico, no sentido de que ela é vista como uma relação de sentidos da linguagem, uma relação que orienta de um sentido que se interpreta, como uma conclusão, em uma enunciação particular. Outro ponto da Semântica Argumentativa é que a argumentatividade faz pensar a textualidade como um conjunto de características que faz com que um texto não seja apenas um sequência de frases.

Koch e Travaglia (1997, p. 43-44) afirmam que a Semântica Argumentativa mostra que a interação pela linguagem é dotada de intencionalidade, e que a argumentação seleciona e estrutura os conhecimentos em um texto. Dentre os recursos da língua selecionados, há os conectores.

Nesta perspectiva, os conectores serão definidos como os elementos da gramática de uma língua que têm como uma de suas funções importantes indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção, o sentido para que apontam. São, portanto, responsáveis pela orientação argumentativa do discurso, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusão em detrimento de outras conclusões. (KOCH, 1992, p. 84-89).

Ainda nessa linha de pensamento, apresentamos Ducrot (1981, p. 178-179; 245) que diz que muitos atos de enunciação têm uma função argumentativa que objetiva levar o destinatário a determinadas conclusões ou delas desviá-lo. Essa função possui marcas próprias na estrutura do enunciado, ou seja, o valor da argumentação de uma frase não é somente uma consequência das informações que essa frase traz, mas ela pode comportar diversos morfemas, expressões ou termos que, além do seu conteúdo informativo, também servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, conduzir o destinatário a uma determinada direção. Quanto aos conectores de contrajunção o autor afirma, também, que seu papel, não se restringe apenas a assinalar uma oposição entre duas proposições que une, há no emprego deles todo um jogo enunciativo que envolve não só as intenções do locutor, mas também a forma como o interlocutor coloca em funcionamento esse jogo. Esse autor assevera ainda que argumentatividade está inscrita na língua, e que a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso. Diante disso os conectores também são responsáveis pela organização e, conseqüentemente, pelo caminho argumentativo do texto. Para Ducrot (1981), o emprego argumentativo dos enunciados não se deduz de inferências, mas se firma nas estruturas linguísticas manifestadas nos enunciados. Ele diz, por exemplo, que a conjunção mas tem um papel que vai além de dizer que ela apenas assinala oposição de duas proposições que são unidas por ela. Assim A mas B, você tende a tirar de A uma conclusão r (não r) para qual A é um argumento e B é um contra-argumento.

Dessa forma, o próprio enunciado contém uma referência a uma caracterização argumentativa das proposições que o constituem. Essa caracterização pode variar de acordo com o locutor e a situação do discurso.

A gramaticalização é um outro suporte que ampara as nossas análises. Segundo Hopper (1996, p. 217), a gramaticalização é “a transformação de itens e sintagmas lexicais em formas gramaticais”. Para Hopper e Traugott (2003, p. 23), a gramaticalização refere-se à parte dos estudos de mudanças da língua que dizem respeito às questões como: certos itens lexicais e certas construções têm em determinados contextos linguísticos funções gramaticais, ou, então, certos elementos linguísticos desenvolvem novas funções gramaticais. Ainda para

esses autores (2003, p. 231), a gramaticalização é vista como uma mudança que afeta palavras individuais, mas que também tem um significado que pode ser estendido para a frase.

Para Castilho (1997, p. 26), a gramaticalização tem sido compreendida como o processo de migração de forma de uma categoria lexical ou gramatical para uma categoria gramatical ou para outra categoria gramatical.

Conforme Travaglia (2002a, p.3, 4) os estudos acerca da gramaticalização devem ser feitos a partir dos fatos em seu contexto textual-discursivo. Ele afirma também que o processo de gramaticalização ocorre em consequência do emprego que se faz dos itens da língua no discurso para a produção de textos que sirvam à interação comunicativa. Ainda, diz que muitos estudiosos concordam com o aspecto de que a gramaticalização é um processo gradual e sem fim, devido à renovação constante das possibilidades de expressão dos elementos gramaticais e por isso ela tem uma dimensão sincrônica, responsável pela variação e uma dimensão diacrônica, responsável pela mudança

Travaglia (2002a, p. 3) diz que um item / elemento / unidade da língua como lexical “quando seu significado for caracterizado por um conteúdo semântico ligado à indicação de algo do mundo biopsicofísicosocial” e um item / elemento / unidade da língua como gramatical “quando o mesmo tiver um significado caracterizado por um conteúdo de natureza funcional, gramatical, relacional, dentro dos limites da organização e funcionamento da língua sem referência a elementos do mundo biopsicofísicosocial”

Além desse aporte teórico, investigamos também em dicionários e gramáticas como os conectores, em estudo, são vistos.

Iniciamos verificando como o **já** está dicionarizado. Ferreira (1999) diz que o **já** como advérbio indica: neste momento, agora, sem demora, imediatamente, nesse tempo. Em Houaiss (2009), o **já**, etimologicamente é um advérbio, do latim, *jam(s. XIII)*, que significa: imediatamente, desde logo, então, neste instante, agora: logo, em pouco tempo, num instante, dentre outros.

O **agora** aparece dicionarizado em Ferreira (1999) e Houaiss (2009) como advérbio, do latim *hac hora*, nesta hora, com os seguintes significados: neste instante, neste momento, presentemente, atualmente. Como conjunção significa: mas porém, contudo, todavia.

Nas gramáticas tradicionais o **já** e o **agora** são classificados como advérbios, advérbio, ou seja, o elemento lexical que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, denotando circunstância de tempo. (SAID ALI, 1971, p.183; CUNHA e CINTRA, 1986, p. 529; BECHARA, 2000, p. 287; ROCHA LIMA, 2000, p. 174).

Bechara (2000, p.290) e Cunha e Cintra (1986, p. 529, 530) observam que sob a denominação de advérbios reúnem-se, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Diante disso, nota-se entre os linguistas uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio.

A seguir, apresentamos algumas investigações linguísticas acerca dos conectores em estudo.

Souza (2009, p.116), em um estudo sobre o **já** diz que “esse item linguístico atua também como operador argumentativo, estabelecendo uma relação de contraste entre duas proposições”.

Monnerat (2010, p. 2), em uma pesquisa linguística sobre a categoria do advérbio, afirma que o estudo dessa classe se apresenta com limites imprecisos, e isso se justifica porque os critérios tradicionais de análise se reduzem a defini-la como elemento modificador de verbos, adjetivos e do próprio advérbio.

Ao afirmar que o advérbio **agora** pode funcionar com o valor de contrajunção e não como advérbio de tempo, ela apresenta o seguinte exemplo:

(1) *Você vai ficar charmoso e elegante. Agora, bonito é por sua conta.*

Nesse exemplo, o **agora** é chamado de advérbio do discurso, pois “abarca uma sequência discursiva mais ampla, definindo um novo momento na organização do discurso, que se distingue do anterior por uma mudança de tópico e de orientação discursiva, em relação ao trecho que o precede”. (MONNERAT, 2010, p. 5)

Monnerat (2010, p. 5), em seu estudo, analisa o emprego do **já** também como advérbio do discurso. Esse advérbio funciona como um mecanismo sintático de contrajunção.

(2) Para você, a tecnologia Hp photoret é uma nova era. Já para a concorrência é o apocalipse.

Observamos que no exemplo (2) veicula-se a ideia de contra-expectativa, que pode ser parafraseado por ‘mas’, ou seja, a tecnologia Hp pode representar um futuro promissor, entretanto não é dessa forma que a concorrência a vê.

Apresentamos a seguir a análise de dois excertos, retirados do corpus.

3. Análise dos dados

Com base na teoria apresentada, passamos à análise dos dados, retirados de duas reportagens do Jornal Folha de São Paulo, do ano de 2010.

A primeira análise é de uma reportagem na seção de esporte, de 28 de junho de 2010. No excerto, do exemplo de número (3), foi empregado o conector **agora**

(3) Para um atacante, que vive de gols, Robinho é até agora um fracasso em Copas. Entrou em campo em seis jogos da mais importante competição do planeta. Foram, sem contar os acréscimos, 320 minutos.

E Robinho não conseguiu marcar um gol sequer no Mundial. Nas edições com participações do atacante -2006 e 2010-, dez jogadores balançaram as redes pela seleção.

Segundo as estatísticas oficiais da Fifa, Robinho, nessas duas Copas, teve 15 chances de fazer um gol, mas falhou em todas.

Na Alemanha, o atacante do Manchester City (emprestado ao Santos) foi titular só uma vez, nos 4 a 1 sobre o Japão, quando até teve boa atuação, mas falhou nas três finalizações que deu na partida.(a)

***Agora**, na África do Sul, Robinho teve como melhor momento o passe preciso para o gol de Elano contra a Coreia do Norte.(b) (Reportagem 1)*

Notamos que a sequência (a) anterior ao **agora** aponta para uma trajetória de fracassos do jogador: não marcou gol, falhou nas finalizações dos jogos. Após o **agora**, (b) o leitor é orientado para uma conclusão diferente daquela até então encaminhada, ou seja, de recuperação do jogador com um passe preciso para o gol, feito por um outro jogador. Observamos que pode haver resquícios da ideia de tempo, própria do advérbio **agora**, pois a sequência compara a atuação do jogador em copas anteriores e com a copa atual. Entretanto, esse emprego do **agora** contempla também uma ideia de contrajunção, ou seja, um sentido não esperado: o da recuperação do jogador.

Compreendemos que esse uso constata o processo de gramaticalização desse item lexical, ou seja, a passagem de lexical para gramatical e de lexical para menos lexical, como em um *continuun*, já que há tempo e contrajunção.

Em (4), registramos o emprego do conector **já**, não como advérbio de tempo, como preconizam as gramáticas tradicionais, mas como um conector de contrajunção:

(4) *Neste ano, em Salvador, a música eletrônica ganhará mais espaço na folia, avançando sobre o axé nos blocos e nos camarotes. (a) Já (mas) em Recife e Olinda, o frevo e o maracatu mantêm o domínio no Carnaval de rua das cidades pernambucanas” (b) (Reportagem 2)*

Em (a), observamos uma informação acerca do carnaval inovador em Salvador com música eletrônica. Em (b), constata-se o encaminhamento para uma outra perspectiva, que aponta para o carnaval em Recife e Olinda, que diferentemente de Salvador, manterá as tradições com o frevo e o maracatu. Há então uma orientação a partir do **já**, direcionando o leitor para outra possibilidade, ou seja, para uma outra opção que o leitor/folião poderá fazer de acordo com as suas preferências. Isso confirma o que diz Ducrot (1981), que muitos atos de enunciação têm uma função argumentativa que objetiva levar o destinatário a determinadas conclusões ou delas desviá-lo. Essa função possui marcas próprias na estrutura do enunciado, isto é, o valor da argumentação de uma frase não é somente uma consequência das informações que essa frase traz, mas ela pode comportar diversos morfemas, expressões ou termos que, além do seu conteúdo informativo, também servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, conduzir o destinatário a uma determinada direção.

4. Considerações finais

Após a análise, ancorada nos preceitos da Língua Textual, da Semântica Argumentativa e da gramaticalização, observamos que o **já** e o **agora** podem ser empregados como conectores argumentativos de contrajunção, muitas vezes com a mesma função de adversidade do **mas**. Assim, a partir do segmento linguístico, que eles iniciam, ocorre um encaminhamento diferente daquele que vinha anteriormente sendo proposto. Entretanto, esse fato não ocorre sempre, pois a substituição pode implicar a falta de sentido da frase, como em (5):

(5a) *A vida é bonita, mas pode ser linda.*

*(5b) *A vida é bonita, já/agora pode ser bela .*

Observamos que a sequência (5b) não tem sentido. Isso vem mostrar que não foi possível fazer a troca dos itens lexicais. Isso pode significar que o **já** e o **agora** possuem especificidades diferentes das do **mas**.

Notamos em nosso estudo que o segmento com o **já** e o **agora** favorece à ampliação da informação anterior. Além disso, o emprego desses itens pode estabelecer a ideia de comparação entre as duas sequências, assim como ocorre a contrajunção, também ocorre a comparação.

Outro fato detectado por nós diz respeito ao esvaziamento da noção de tempo desses itens, noção essa própria do advérbio de tempo, como preconizam as gramáticas tradicionais investigadas. Assim, acreditamos que tanto o **já** quanto o **agora** estejam passando pelo processo de gramaticalização, ou seja, migrando de uma categoria lexical para uma categoria gramatical: de advérbio para conjunção.

Entretanto, como já afirmamos, há exemplos, como em (3), em que a ideia de tempo ainda se mantém. O conector comporta, dessa forma, os dois sentidos: de contrajunção e de tempo.

Esses itens, ao serem usados como conectores, em reportagens jornalísticas, manifestam um outro ponto de vista, encaminhando argumentativamente a leitura do leitor. Apontando para o leitor a que conclusão deve-se chegar ou, então, desviar esse leitor da trajetória de leitura que vinha percorrendo.

5. Referencias bibliográficas

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna. 2000. 669p
- CASTILHO, Ataliba T. A. Gramaticalização. **Estudos Linguísticos e Literários**. 19, Salvador, N. 19, p. 25-64, set. 1997.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986. 724p.
- DUCROT, Oswald. **Provar e dizer: leis lógicas e argumentativas**. São Paulo: Global, 1981. 264p.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual: Introdução**. São Paulo: Cortez, 1994. 105p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GUIMARÃES, Eduardo R. Junqueira . **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Pontes, 1995. 91p.
- HOPPER, Paul J. Some recent trends in grammaticalization. In: **Annual reviews anthropology**, nº 25, 1996, p. 217-236.
- HOPPER, Paul J. e TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. 272 p.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1 Ed. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2009.
- KOCH, Ingedore Villaça. Dificuldades na Leitura/Produção de texto: os conectores interfrásticos. In: CLEMENTE, Elvo; KIRST, Maria Helena Barão (Org.). **Linguística Aplicada ao ensino do Português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992a, p. 83-98.
- _____. **A coesão textual**. São Paulo, Contexto, 2008. 75p.
- KOCH, Ingedore Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1997. 107p.
- MANUAL da Redação. São Paulo: Publifolha, 2001.
- MONNERAT, Rosane Santos Mauro. **A categoria do advérbio no discurso da publicidade. A interface gramática e discurso**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/01.htm>. Acesso em: dia 10, mês junho. 2010.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Funcionamento e discurso. In: ORLANDI, E. P. O. (Org). **Sobre a Estruturação do Discurso**. Campinas: IEL/ Unicamp, 1981 p. 7-38.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.553p.
- SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1971. 373p.
- SILVA, Polyana Honorata. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia**. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia. 2007.
- SOUZA, Edson Rosa Francisco de. **Gramaticalização dos itens linguísticos *assim, já, e aí* no Português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional**. 2009. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual discursivo do verbo em português**. 1991. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

_____. **Gramaticalização de verbos**: Relatório de pesquisa Pós-Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: Faculdade de letras/UFRJ, 2002a.

_____. Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino de língua materna. In: **Língua Portuguesa: uma visão em mosaico**. 1ª ed. São Paulo : EDUC, Editora da PUC/SP, 2002b, p. 201-214

_____. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa Maria de Oliveira Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina (org). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino**. São Paulo: EDUC/FAPESP, [2003]/ 2007. v. 2. p. 97-117.